

**XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**  
**GRUPO DE TRABALHO BIOGRAFIA E MEMORIA SOCIAL**

**A RENOVAÇÃO DO MÉTODO BIOGRÁFICO**

**ALZIRA ALVES DE ABREU**

CPDOC- FGV

**Introdução**

A biografia tem uma longa tradição na pesquisa histórica. A partir de um certo momento, enfrentou críticas e foi mesmo rejeitada pelos historiadores e cientistas sociais. A crítica mais contundente veio da *École des Annales* e estava ligada, em grande parte, ao fato de secularmente as biografias estarem centradas na exaltação da vida de um personagem ilustre, descrita e narrada cronologicamente e pouco problematizada. De fato, os historiadores do século XVIII e XIX viam nas biografias dos heróis e dos grandes homens a forma de “compreender as escolhas de uma nação”.<sup>1</sup> Ainda no início do século XX, os discípulos de Ranke atribuíam grande importância aos acontecimentos e aos feitos dos homens célebres. A periodização histórica

era quase sempre articulada em torno de reinados, e a narração das vidas dos reis era uma das numerosas maneiras de personalizar a história nacional.<sup>2</sup> Em reação a essa história personalizada, surgiram, e tornaram-se dominantes, os estudos baseados numa perspectiva marxista da história, com ênfase nas estruturas sociais, no coletivo, na longa duração. Nova reação ocorreu nos anos 1970 e 1980: houve uma redescoberta da biografia, ligada a uma redefinição dos enfoques analíticos da história. Ao mesmo tempo em que a atenção se deslocou para o papel e a ação dos indivíduos, houve uma ampliação do campo dos estudos históricos, com a incorporação de novas temáticas e novas perspectivas analíticas, como o estudo do cotidiano, a história oral, a história da cultura popular, a história dos vencidos, dos oprimidos, dos excluídos etc.<sup>3</sup> Nesse momento, uma reflexão crítica sobre a biografia coletiva e individual permitiu que se travasse uma discussão sobre a própria disciplina histórica. As análises críticas da idéia de subjetividade, dos conceitos totalizantes de classe social e de mentalidade, abriram caminho para o melhor entendimento do sentido e da ação individual.

---

<sup>1</sup> Sabina Loriga. A biografia como problema. In Jogos de Escalas. A Experiência da microanálise. Jacques Revel; org. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

<sup>2</sup> Sabina Loriga. Idem p.233

<sup>3</sup> Alguns estudos estabeleceram a relação entre a renovação da biografia no campo da sociologia e o movimento de maio de 1968. Ver: Gérard Mauger. L'approche biographique en sociologie: une démarche "contestataire". In Les Cahiers de l'IHTP n°11 abril 1989.

Na Inglaterra, um exemplo do início desse movimento é o trabalho de E.P.Thompson, em 1963, sobre a classe operária,<sup>4</sup> que rompeu com a tradição marxista e com o estruturalismo e inaugura os estudos sobre a experiência dos vencidos; na Itália, em 1976, Carlo Ginzburg escreveu um estudo sobre a vida do moleiro Menocchio no século XVI,<sup>5</sup> considerado o trabalho que abriu caminho para a micro-história; nos Estados Unidos, Natalie Zemon Davis, em 1980, dentro da nova história cultural lançou *Le retour de Martin Guerre*<sup>6</sup>; na França, em 1982, Daniel Roche publicou a biografia de Ménétra, um vidreiro do século XVIII;<sup>7</sup> na Itália, Giovanni Levi, lançou em 1989 a biografia de um exorcista do século XVII;<sup>8</sup> na Alemanha, nos anos 1980, Norbert Elias preparou a biografia do músico Mozart que seria editada em 1991;<sup>9</sup> na França, Jacques le Goff escreveu a biografia de São Luís, publicada em 1996. Estes são os grandes momentos da biografia nos estudos recentes.

O que este texto procura mostrar é que a volta do interesse pelos estudos biográficos possibilitou uma renovação do método biográfico, tanto no que diz respeito à escolha dos biografados, quanto à utilização das fontes e às questões

---

<sup>4</sup> E.P. Thompson. *The making of English working class*. Londres, 1963.

<sup>5</sup> Carlo Ginzburg. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

<sup>6</sup> Natalie Zemon Davis. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro., Paz e Terra, 1987.

<sup>7</sup> Daniel Roche. *Jacques-Louis Ménétra. Journal de ma vie: compagon vitrier ao XVIII siècle*. Ed. par Daniel Roche. Paris, Montalba, 1982.

<sup>8</sup> Giovanni Levi. *Le pouvoir au village. Histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVII siècle*, Paris, Gallimard, 1989.

<sup>9</sup> Norbert Elias. *Mozart Sociologie d'un génie*. Paris, Editions du Seuil, 1991.

analisadas. Na medida em que o historiador começou a fazer novas perguntas sobre o passado, ele teve que buscar novas fontes de pesquisa e lançou um novo olhar sobre a documentação, o que trouxe como resultado elementos diversificados na construção de biografias. Por outro lado, o gênero biográfico está presente em vários campos de estudo, como os dos estudos literários, da antropologia, da sociologia, do jornalismo, da psicologia e da história, com a reintegração de *approches* já existentes, só que agora renovados.

Apesar da renovação, alguns autores fazem críticas à forma de construir a biografia na atualidade, e outros mostram preocupação com o excesso de publicações biográficas. Jacques Le Goff, por exemplo, em um artigo recente, fala da sua desolação com a atual proliferação de biografias e diz que “muitas delas são uma volta pura e simples à biografia tradicional superficial, anedótica, puramente cronológica, que se sacrifica a uma psicologia ultrapassada, incapaz de mostrar a significação histórica geral de uma vida individual”.<sup>10</sup> Ele insiste no fato de que o estudo das estruturas é insubstituível porque elas esclarecem o passado de forma extremamente coerente. Mas considera que a biografia permite dar maior atenção ao acaso, ao acontecimento, aos encadeamentos cronológicos, e que somente ela pode dar aos historiadores o sentimento do tempo vivido pelos homens. Um outro tipo de crítica é a de Pierre Bourdieu, que acusa as ciências sociais de serem prisioneiras do senso comum, que “descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas (Hércules entre o vício e a virtude), seus ardis, até

mesmo suas emboscadas (...), ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional ( a “mobilidade”) que tem um começo (uma “estréia na vida”), etapas e um fim”.<sup>11</sup> Essa crítica tem um aspecto extremamente importante ao denunciar uma visão ingênua da trajetória individual, mas não se pode dizer que esse tipo de biografia tenha sido o dominante nas ciências sociais dos últimos anos. Ao lado dessas críticas, Giovanni Levi, ao analisar o papel da biografia e as questões a ela relacionadas, considera que “as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo a tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”.<sup>12</sup>

### **A biografia em diversas dimensões**

A revalorização da biografia trouxe para o debate a dimensão do objeto de estudo e uma análise intensiva do material documental. A micro-história

---

<sup>10</sup> Jacques Le Goff, Comment écrire une biographie historique aujourd’hui? Le Débat, 1989 p.48-53. P.49-50

<sup>11</sup> Pierre Bourdieu. L ‘illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales 62/63: 69-72 junho 1986.

<sup>12</sup> Giovanni Levi. Usos da Biografia. Usos & Abusos da História Oral. Marieta de Moraes Ferreira e Janafina Amado ( org.) Rio de janeiro Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. P.169.

italiana, ao reduzir a escala de análise colocou no centro de suas preocupações segmentos sociais até então excluídos. O estudo de Carlo Ginzburg sobre o moleiro Menocchio não só explora a biografia de um personagem medíocre, como, através dele, estabelece as relações entre cultura popular e cultura erudita. Ao justificar sua escolha, Ginzburg lembra que “alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo e justamente por isso representativo - pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico - a nobreza austríaca ou o baixo clero inglês do século XVI” (Ginzburg, 1987, p.27). Menocchio não poderia ser considerado um caso típico de camponês, no sentido de “médio”, estatisticamente falando, mas mesmo sendo um caso-limite ele poderia ser representativo; de forma negativa, a sua biografia ajuda a entender “as possibilidades latentes de algo (a cultura popular) que nos chega através de documentos fragmentários e deformados, provenientes quase todos de ‘arquivos da repressão’ ” (Ginzburg, p.28). Ginzburg trabalha com uma documentação que procurava dar conta das palavras, dos gestos, dos mínimos detalhes dos acusados nos processos de bruxaria. O autor chama a atenção para o fato de que para os inquisidores do Santo Ofício, sempre “tão profundamente desconfiados, qualquer pequena pista podia constituir um avanço considerável no sentido da verdade. Não é minha intenção afirmar que estes documentos são neutros ou transmitem informação objetiva. Devem ser lidos como produto de uma inter-relação especial em que há um

desequilíbrio total das partes nela envolvidas. Para decifrar, temos que aprender a captar para lá da superfície aveludada do texto, a interação sutil de ameaças e medos, de ataques e recuos. Temos, por assim dizer, de aprender a desembaraçar o emaranhado de fios que formam a malha textual destes diálogos”.<sup>13</sup>

Nesse caso a biografia, embora retratando uma experiência individual atípica, pode revelar-se representativa. Ginzburg mostra que, no início, a pesquisa sobre o moleiro Menocchio, girava em torno de um indivíduo aparentemente fora do comum e que o estudo acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular, sobre a cultura camponesa da Europa pré-industrial.

A micro-história italiana enfatizou novas questões e permitiu uma análise crítica da história social, até então concebida como um espaço da macroanálise. A biografia na perspectiva da micro-história abriu caminho para a discussão dos movimentos sociais, principalmente do movimento operário, e do espaço urbano; basta lembrar o trabalho de Alessandro Portelli (1985), *A Biografia de uma cidade*, estudo sobre a cidade de Terni.

A redução da escala de análise pelos historiadores franceses trouxe de volta as biografias, mas de grandes homens. A volta da biografia entre os estudiosos franceses foi até certo ponto uma reação contra a história da

---

<sup>13</sup> Carlo Ginzburg. *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1991, p.209/

*École des Annales* e veio acompanhada de novas perspectivas e de instrumentos analíticos renovados. Jacques Le Goff, em um artigo sobre a biografia histórica,<sup>14</sup> lembra que a ênfase nas estruturas sociais dada pela *École des Annales* não excluía os estudos biográficos e cita a biografia de Lutero feita por Lucien Febvre e a do rei de Espanha Filipe II por Fernand Braudel. Nesses casos as biografias eram de grandes homens que tiveram papel de destaque na condução das transformações das estruturas sociais. Para Le Goff, a biografia histórica deve ser a narração de uma vida, deve ser articulada em torno de certos acontecimentos individuais ou coletivos - “uma biografia não *évènementielle* não tem sentido - e como ela deve ser consagrada a um personagem sobre o qual se possui bastante informações, documentos, ela tem grandes chances de ser dedicada a um homem político ou que tenha relações com a política. Ela tem, em todo caso, mais chances de ter por herói um ‘grande homem’ que um homem comum” ( p.49).

Os estudos biográficos seriam, para esse autor, um complemento da análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos. Ao explicar a pesquisa sobre a vida de São Luís, o rei Luís IX da França (1226-1270) que foi canonizado em 1297, Le Goff se deu conta de que a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história, é um modo particular de fazer história. A identificação desse historiador com um tipo de orientação historiográfica o levou à elaboração da vida de São Luis em uma perspectiva

---



globalizante, em torno da qual se organizaria todo o campo da pesquisa. A escolha desse personagem se justifica porque ele participou simultaneamente do econômico, do social, do político, do religioso, do cultural. Mas, embora São Luís tenha vivido no século XIII, esse século não é o objeto do livro; ele se encontra no texto porque São Luís viveu nele e ele é a matéria de sua vida e de sua ação. O livro “trata de um homem e não fala do seu tempo a não ser quando isso permite esclarecê-lo”<sup>15</sup>. O personagem deve ser estudado, segundo o autor, através dos “lugares comuns” que definem um rei na cristandade do século XIII. Diz Le Goff : “A pesquisa do verdadeiro São Luís - partindo da união íntima entre um indivíduo e o tipo histórico que ele encarna - deve passar pelo estudo da função e da imagem da realeza no século XIII.”<sup>16</sup> Além disso, como ele foi também santo, sua biografia deve se estender até o momento em que ele foi reconhecido como tal, isto é, vinte e sete anos depois da sua morte. Le Goff insiste na importância da documentação disponível para a elaboração da biografia de um personagem medieval, considera que é preciso saber respeitar aqui as falhas, as lacunas que a documentação deixa, mas não quer reconstituir o que os silêncios de e sobre São Luís escondem, sem as discontinuidades e as disjunções que rompem a trama e a unidade aparente de uma vida. É nesse ponto que ele mostra que, ao submeter-se a pressão maior, que é a da documentação, que impõe limites à pesquisa, o historiador se diferencia do romancista. E, a

---

<sup>14</sup> Jacques Le Goff, 1989

<sup>15</sup> Jacques Le Goff. São Luís. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1999, p. 19

partir de uma explicação sobre a documentação encontrada sobre São Luís, e as biografias que até então haviam sido feitas sobre ele, o autor diz que verificou que historiadores recentes procuram reviver uma falsa oposição entre a história narrativa e a história “estruturalista”. Para Le Goff, “toda história é narrativa porque, situando-se por definição no tempo, na sucessividade, é obrigatoriamente associada à narrativa. A narrativa é o resultado de uma série de operações intelectuais e científicas que se tem todo o interesse em tornar visíveis, até mesmo justificar”.

Foi através dessa pesquisa biográfica que o autor diz ter reencontrado uma das preocupações essenciais do historiador, o tempo. Hoje, o Ocidente trabalha com um tempo unificado; São Luís viveu uma época anterior, onde não havia um tempo, mas tempos do rei. “São Luís foi contemporâneo do fim do grande avanço econômico, do fim da servidão camponesa e contemporâneo da afirmação da burguesia urbana, da construção do Estado feudal moderno, do triunfo da escolástica e do estabelecimento da piedade mendicante”.<sup>17</sup>

A reflexão sobre os documentos utilizados pelos historiadores é um dos elementos fundamentais na reorientação dos estudos biográficos. Sob esse aspecto, o trabalho de Natalie Zemon Davis em *O retorno de Martin*

---

<sup>16</sup> Jacques le Goff. Comment écrire une biographie historique aujourd’ui? Le Débat, 1989 p.48-53, p.52

<sup>17</sup> Jacques Le Goff, 1996, p.28

*Guerre* mostra algumas divergências em relação à posição de Le Goff, pois ela não vai respeitar os silêncios da documentação. Ao explicar sua decisão de escrever um estudo sobre Martin Guerre, Davis fala sobre a orientação que informava os historiadores do século XIX em relação às fontes documentais, isto é, a preocupação de “fazer a caça ao falso”; no início do século XX, os historiadores se preocupavam em examinar os “assuntos de interesse”, os “pontos de vista” ou “a ideologia” que as fontes expressavam; hoje, o historiador se pergunta como as fontes foram tramadas, a que metáforas se recorreu, que histórias elas contam. A partir dessas três orientações, Davis, em seu trabalho, conseguiu chegar “à imaginação do possível, à experiência do estilo e à pesquisa das formas de narração dos documentos do passado”.<sup>18</sup> Ao tentar responder se Martin Guerre era ou não um impostor, ela teve que trabalhar com as fontes disponíveis, que eram as das testemunhas oculares do processo, o juiz Jean de Coras e o jurista e erudito Guillaume Le Sueur e com as deliberações da causa que se encontram no Parlamento de Toulouse. As deposições originais do processo desapareceram. A história de Martin Guerre pode ser assim resumida: “Nos anos 1540, no Languedoc, um camponês rico abandonou sua mulher, filho e propriedade, e durante anos não há notícias suas; ele volta - ou é o que todos pensam - mas, depois de três ou quatro anos de agradável casamento, a esposa diz que foi enganada por um impostor e leva-o a julgamento. O homem quase convenceu a corte de que é Martin Guerre, mas no último

---

<sup>18</sup> Natalie Zemon Davis. Du conte et de l’histoire. Le Débat n° 54 março-abril 1989, p.138-

momento surge o verdadeiro Martin Guerre”.<sup>19</sup> Dois livros foram escritos sobre o caso, e ao longo de séculos a estória foi recontada. Natalie Davis juntou-se a um roteirista e a um diretor cinematográfico e participou da feitura do roteiro do filme *Le Retour de Martin Guerre*. Nesse período, ela se propôs reconstituir, através da documentação existente, o mundo em que se movimentaram os personagens; ela reconstituiu a época, o meio, a atmosfera da sociedade rural do século XVI. Mas, diz ela, quando a documentação não permitia encontrar “meu homem ( ou minha mulher) em Hendaye, Sajas, Artigat ou Burgos, fiz o máximo para descobrir, através de outras fontes da época e do local, o mundo que devem ter visto, as reações que podem ter tido. O que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escrita das vozes do passado”.<sup>20</sup>

Na verdade, a utilização do termo invenção está indicando para Davis não a oposição entre verdadeiro e inventado, mas sim entre “realidades” e “possibilidades”. Ao longo do livro ela abre espaço para as incertezas, e por isso se encontram com frequência no texto as expressões “talvez”, “poderia ser”, a que o historiador, como ela diz, tem que recorrer quando as evidências são inadequadas ou geram perplexidade. Ela vai mostrar que as incertezas da documentação levam o historiador a aprofundar a pesquisa, a

---

143.

<sup>19</sup> Natalie Z. Davis. O retorno de Martin Guerre, p.19

<sup>20</sup> Natalie Z. Davis. Op. Cit. p.21.

colocar novas questões e a traçar a biografia de outros personagens que viviam o mesmo tempo e lugar e estabelecer campos de possibilidades entre o acontecido e o contexto.

Nos interessa, no âmbito limitado deste texto, ressaltar que a autora introduziu um tratamento inovador na análise da documentação disponível para elaborar a biografia de Martin Guerre. Esta biografia apresenta possibilidades de inúmeros enfoques, tanto analíticos como documentais.

O estudo sociológico sobre Mozart, elaborado por Norbert Elias, é um dos mais importantes exemplos de uma reflexão metodológica das ciências sociais a partir da construção de uma biografia. É examinado como exemplo de um indivíduo único e como um destino artístico excepcional, que foi profundamente influenciado por sua situação social e pela dependência em relação à aristocracia da corte. Mas Elias, ao apresentar a vida de Mozart e sua tragédia, procura, através da sociologia, apresentar uma imagem das pressões sociais que pesaram sobre o indivíduo, a maneira como ele se comportava em relação a essas pressões e como elas marcaram a sua criação musical. Subjacentemente a essas questões, Elias tenta apontar quais eram as condições de emergência da criatividade na sociedade da corte e trabalha a biografia com a preocupação de explicar as transformações que ocorreram na criação artística e na estrutura da arte, quando se deu a passagem da produção artística do mecenato para um mercado livre, com a constituição

de um público consumidor anônimo, de um criador independente, e de instâncias intermediárias como o *marchand* de arte, os editores de música, os empresários etc.

Nessa macroanálise, Elias estabelece relações entre a biografia e as estruturas de poder da sociedade da corte. Mozart pertencia a uma geração de artistas que ainda estava submetida à aristocracia da corte; realizava a sua obra a partir de uma encomenda, sua produção artística deveria satisfazer ao pedido de um indivíduo, mas ele já vivia o momento em que algumas indicações de contestação burguesa se manifestavam. Seu pai pertencia a uma geração que não tinha como escapar da submissão a um mestre e que tinha que compor e tocar para um público de convidados. Mozart tentou se tornar um artista independente mas suas chances eram pequenas, porque seu público era pequeno e aristocrático. Elias vai mostrar como, alguns anos após a morte de Mozart, Beethoven conquistou um público mais amplo, que pagava para ouvi-lo, que não era constituído só de convidados. Isso significava transformações não só na posição social do artista, mas também nas normas de criação artística e na própria estrutura da arte.

O material documental utilizado para traçar a trajetória de vida de Mozart foi a correspondência pessoal entre ele e seus parentes mais próximos, pai, irmã e mulher. Essa documentação já tinha sido utilizada anteriormente, mas para exaltar o músico, e não como faz Elias, que retira dela os elementos para

traçar uma trajetória de vida e os valores e sentimentos que dominavam a sociedade da corte.

Até aqui demos espaço para a apresentação de exemplos de renovação das biografias individuais, mas devemos lembrar que as biografias coletivas conheceram também, no mesmo período, um grande desenvolvimento.

As biografias coletivas foram renovadas quanto ao método e às fontes de pesquisa e se concentraram na história política e social. Esse tipo de biografia foi usado nos estudos prosopográficos. Estes encerram enfoques e significados diversos e tanto podem designar o levantamento exaustivo de informações biográficas como definir as relações entre biografias individuais. Nesse caso, seu objetivo é identificar fatores sociais, geracionais e culturais passíveis de esclarecer a variedade de engajamentos individuais e as suas mais diversas formas, ritmos e natureza. Essa definição integra as abordagens tipológicas e comparativas. Os trabalhos de Christophe Charle devem ser situados nessa segunda abordagem e mostram que o método prosopográfico pode ser usado com propriedade no estudo das elites econômicas, políticas e intelectuais. A biografia, nesse caso, não é a de uma pessoa singular, mas sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo; é do tipo modal, de acordo com as características de Giovanni Levi.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Giovanni Levi, op. Cit. P.175

A pesquisa prosopográfica, como indica Claude Pernetier, “parte de uma reflexão teórica e de hipóteses que contribuem para orientar a escolha dos descritores (ou variáveis) assim como a dos limites cronológicos: ela trabalha diminuindo os ‘a priori’. A pesquisa prosopográfica não serve só para demonstrar, mas também para descobrir. Ela não ilustra, ela coloca em relação. Ela se destina ao aprofundamento de biografias, jamais de uma só biografia. Ela não simplifica, ela complexifica para ultrapassar as pistas observadas a olho nu; depois ela reconstrói utilizando a tipologia. Os tipos fazem a biografia individual se transformar em modelos. Ela não é nem corte no tempo, nem estudo sem cronologia: como bom método histórico, ela periodiza”.<sup>22</sup>

Para concluir, é inevitável a pergunta sobre como as biografias de personagens brasileiros, e escritas por historiadores, influenciaram a escrita histórica no Brasil. A resposta não é simples. Podemos constatar que as biografias individuais que nos últimos 20 anos foram publicadas, em sua grande maioria, não foram escritas por historiadores, e sim por jornalistas ou escritores-romancistas. Dentre as biografias que devem ser destacadas, lembramos a de Stefan Zweig, obra do jornalista Alberto Dines, e as de Olga Benário e de Assis Chateaubriand, escritas pelo jornalista Fernando Morais. Jorge Caldeira lançou a biografia de Mauá, e acaba de sair a



biografia de Anita Garibaldi, também escrita por um jornalista, Paulo Markun. Rui Castro escreveu as biografias de Nelson Rodrigues e de Garrincha, sem falar de Ana Miranda, escritora-romancista que lançou dois livros que têm como personagens centrais Gregório de Matos e Augusto dos Anjos. Não vamos apresentar aqui as distinções entre os métodos utilizados na construção de biografias pelos historiadores, jornalistas ou literatos.<sup>23</sup> Mas é preciso lembrar que muito recentemente uma biografia veio romper com essa predominância dos jornalistas: trata-se do trabalho de Lilia Moritz Schwarcz sobre o Imperador Pedro II.<sup>24</sup> A autora trabalha a monarquia e a figura de Pedro II a partir de uma concepção da nova antropologia política histórica, onde a ênfase é dada ao estudo da simbologia política, que compreende elementos como as insígnias do poder, o ritual, as imagens da realeza, entre outros. Seu estudo se aproxima do de Le Goff sobre São Luís. O que esse estudo introduziu de renovador no gênero biográfico foi principalmente a forma de trabalhar com as fontes documentais iconográficas. Elas não são utilizadas como mera ilustração, e sim como um instrumento explicativo e analítico. A autora foi buscar na coleção particular, organizada pelo próprio imperador e constituída de fotografias, óleos, xilografuras e litografuras, o esforço de D.Pedro II para construir e

---

<sup>22</sup> Claude Pennerier. *Singulier-Pluriel: la biographie se cherche. L'exemple de l'histoire ouvrière.* In *Écrire des vies.* Éditions universitaires de Dijon, 1994 p.39-40.

<sup>23</sup> Alzira A. De Abreu. Um político e dois depoimentos. Texto apresentado no XX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1996. Benito Bisso Schmidt. Construindo biografias. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos.

<sup>24</sup> Lilia Moritz Schwarcz. *As barbas do Imperador D.PedroII, um monarca nos trópicos.* São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

perpetuar uma determinada memória nacional. Esse material documental foi utilizado na biografia para construir não só a imagem do Imperador e de sua família, mas a imagem simbólica da monarquia brasileira. De acordo com a autora, “tal recorte, se não permite elaborar um sistema total de explicação, introduz uma dimensão nova: o terreno mágico, sagrado e simbólico de uma realeza que, ao mesmo tempo que – nas mãos da elite local – atualizou a tradição, a fez dialogar com as representações locais – e aparatos intelectuais anteriores a seu estabelecimento”.<sup>25</sup> Esse estudo, me parece, ainda não repercutiu em todas as suas dimensões sobre as formas de construir biografias e mereceria, sem dúvida, uma análise mais aprofundada.

Finalizando, pode-se ainda indicar uma outra característica da historiografia brasileira: ela adotou outros caminhos para a sua renovação, como as reconstituições de memórias coletivas, os depoimentos orais, os dicionários biográficos, o que resultou na produção de uma rica documentação. Ao mesmo tempo em que buscou novas fontes, ou valorizou as fontes documentais tradicionais, foram abertas possibilidades para o estudo de novos temas e para novos enfoques de análise.

---

<sup>25</sup> Lilia M. Schwarcz. Op. Ci t. P.33